

POR UMA HISTORIOGRAFIA DO FUTEBOL BRASILEIRO NO SÉCULO XXI: A HORA E A VEZ DAS MULHERES

Bernardo Buarque de Hollanda¹

Lívia Gonçalves Magalhães²

Tiago Maranhão³

Este dossiê é parte da versão em português da coletânea *The beautiful game reimagined: women's soccer in Brazil*, publicada originalmente em inglês.⁴ Pensado para um público leitor estrangeiro, este livro pretende contribuir para os estudos sociais do futebol brasileiro ao apresentar uma abordagem emergente da produção acadêmica sobre o tema no último decênio, período em que uma nova agenda de pesquisas se consolidou no âmbito da historiografia esportiva. A partir do retorno positivo de colegas no exterior, surgiu a indagação que orienta esta iniciativa: por que não tornar esses trabalhos disponíveis em seus idiomas originais, em acesso aberto, em uma revista de referência nos estudos esportivos no Brasil? A partir da sugestão de uma de nossas autoras, Rosana da Câmara Teixeira, optamos, assim, pela organização deste dossiê.

A publicação insere-se, ainda, em um momento particularmente significativo para o futebol de mulheres, marcado por uma série de acontecimentos recentes. Após as críticas dirigidas à atuação da seleção brasileira na Copa do Mundo da Austrália, em 2023 — quando a equipe foi eliminada ainda na fase de grupos —, o debate público deslocou-se para novos marcos. O primeiro deles foi o anúncio, em maio de 2024, da escolha do Brasil como sede da X Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA, a ser realizada em 2027. A candidatura brasileira superou a proposta europeia, formada por Holanda, Alemanha e Bélgica. Além da classificação automática garantida ao país-sede, a decisão foi interpretada como um reconhecimento da centralidade histórica do futebol no Brasil, ainda que a seleção feminina não tenha, até o momento, conquistado um título mundial. Tal contexto reforça como a narrativa do futebol de mulheres no

¹ Fundação Getúlio Vargas

² Universidade Federal Fluminense

³ Loyola University New Orleans

⁴ HOLLANDA, Bernardo B. B.; MAGALHÃES, Lívia G.; MARANHÃO, Tiago J. F. (Org.). **The Beautiful Game Reimagined: Women's Soccer in Brazil**. Common Ground Research Networks, 2025.

país permanece profundamente atravessada pela imagem e pela trajetória do futebol masculino.

O segundo acontecimento de grande repercussão foi a campanha da seleção feminina nos Jogos Olímpicos de Verão de Paris, entre julho e agosto de 2024, competição para a qual a equipe masculina sequer obteve classificação. O peso simbólico da representação do futebol brasileiro recaiu, assim, de forma ainda mais intensa sobre as mulheres. Apesar de um início instável, marcado pelo risco de eliminação na primeira fase, a seleção feminina conquistou o apoio da torcida por meio de atuações celebradas no Brasil como expressão do chamado “jogo bonito”. A conquista da medalha de prata simbolizou a retomada de expectativas por títulos, que pareciam arrefecidas após a Copa do Mundo de 2023.

A esse cenário soma-se a vitória da seleção brasileira na X Copa América de Futebol Feminino, em uma final emocionante contra a Colômbia. Com nove títulos em dez edições do torneio, o Brasil reafirmou sua posição como principal potência regional. Esses acontecimentos recentes reforçam a pertinência deste dossiê e convidam à reflexão sobre os rumos das pesquisas dedicadas ao futebol de mulheres, que, nas últimas décadas, passaram a incorporar novos objetos, abordagens e perspectivas analíticas.

De modo usual, como é sabido, convencionou-se datar o marco inaugural da entrada do futebol nas Ciências Sociais brasileiras no início dos anos 1980, graças à área da Antropologia e à iniciativa de um grupo de antropólogos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sob a liderança de Roberto DaMatta (1982).

O estabelecimento do futebol como objeto científico legítimo no Brasil remonta, pois, às quatro últimas décadas, intervalo temporal em que autores e obras, temáticas e recortes, métodos e técnicas de pesquisa, grupos de trabalho e laboratórios de investigação configuraram uma área de atuação na Academia do país. A legitimação de um tema visto de início com preconceito intelectual e de somenos relevância teórica, percepção cuja resiliência ainda hoje não se esvaiu de todo, permitiu o crescimento das publicações, em nível quantitativo e qualitativo. Com efeito, em período mais recente, seu desenvolvimento e sua expansão, sua consolidação e seu aprofundamento na esteira dos megaeventos esportivos (os Jogos PanAmericanos de 2007 e as Olimpíadas de 2016), bem como da crise de uma conjuntura política dramática, levaram à revisão crítica, à

diversificação e à polarização de uma série de perspectivas sobre o fenômeno futebolístico na contemporaneidade.

Um dos tópicos que sobressaiu nos últimos anos, em decorrência desse acúmulo de investigações desenvolvidas por diferentes gerações no escopo da pós-graduação – de forma coincidente, entre os anos 1980 e 2020 os programas de mestrado e doutorado se enraizaram e disseminaram no plano nacional – foi a historicidade do futebol de mulheres no Brasil. Sua ênfase direcionou-se a aspectos diacrônicos da participação feminina, mas também sincrônicos, com acentos em chave antropológica e sociológica.

De fato, a invisibilidade feminina nas práticas e nas representações do esporte, notadamente do futebol, é um dos silêncios mais eloquentes que impressiona quando se avaliam, no decorrer desses quatro decênios, os livros, os artigos e os capítulos produzidos pelos estudiosos da História e das Ciências Sociais, com exceções pontuais, descobertas recentes e surpresas encontradas aqui e ali, em meio a essa mirada retrospectiva dos pesquisadores.

Em parte, tal tomada de consciência quanto às lacunas historiográficas, ao apagamento da presença e à obnubilação do histórico das mulheres na vida esportiva e no sistema futebolístico acompanha uma virada investigativa mais ampla da teoria social e dos estudos culturais hodiernos. Sem dúvida, este é um reflexo nacional e internacional de um movimento crítico de desconstrução, protagonizado por muitas vozes e mãos, por corações e mentes do sexo feminino, com o questionamento da própria episteme que reifica e naturaliza as dicotomias sexuais e as posições binárias generificadas. Longe de se confinar a mais uma nova especialidade, os estudos de gênero têm mostrado a amplitude de sua abrangência, com inúmeras interfaces e transversalidades, com inesperados cruzamentos e inopinados achados científicos (Daflon; Campos, 2022).

O caráter transversal dos estudos de gênero – seria uma “nova onda”, passado um século das sufragetes? seria uma “explosão feminista” em pleno século XXI? (Hollanda, 2018) – possibilita sua disseminação pelos mais diversos flancos da realidade social e por diferentes atalhos e ângulos, brechas e campos de pesquisa. Como não poderia deixar de ser, a interpelação de um cânone e a interrogação de marcos temporais consagrados também se manifestam entre os historiadores e cientistas sociais do futebol, ante um terreno da vida coletiva em

que o etos da masculinidade, o padrão cisgênero e a virilidade heteronormativa (Bandeira, 2016) sempre foram cultuados, com a hegemonia masculina a se naturalizar de maneira mais imperceptível. Desde as narrativas de origem, a onipresença, a onisciência e a onipotência dos homens praticantes e gestores que negligenciam e inviabilizam a sua coexistência com as mulheres, de forma proposital ou tácita, sutil ou escancarada, têm sido a tônica das relações esportivas em suas distintas esferas institucionais e posições hierárquicas.

Como sugerido acima, a mudança provocada pelo processo de restituição do lugar das mulheres no universo do futebol não é uma exclusividade epistemológica das Ciências Humanas e Sociais. Esta dialoga sobremaneira com transformações e reivindicações históricas operadas pelos movimentos feministas na vida pública e no meio intelectual do século XXI, no Brasil e fora dele. As demandas por equidade de gênero, em meio a variadas pautas identitárias de afirmação, de revisão e de reversão de um quadro histórico de dominação masculina (Bourdieu, 2010) e de submissão, de assimetria e de subalternidade, também se espelham no futebol, ainda que de modo não mecânico ou reflexo.

Destarte, há vias dedutivas e indutivas, externas e internas ou, por assim dizer, côncavas e convexas de entender as relações de espelhamento entre futebol e sociedade. Por seu intermédio, em via de mão dupla, circunscreve-se um contexto para repensar, empoderar e reparar as relações assimétricas de gênero, que se mostram constitutivas do campo esportivo na contemporaneidade.

Um índice do relacionamento dos trabalhos acadêmicos com as questões em voga na sociedade contemporânea expressa-se na postura dos agentes envolvidos no meio desportivo. Desde os anos 2010, tais atores engajam-se de maneira progressiva na mobilização pela alteração do *status quo* que durante décadas permaneceu silente e complacente com as estruturas institucionais do poder futebolístico. *Pari passu* às dissertações e às teses defendidas na última década, acompanha-se uma série de ações reivindicatórias das atletas e das demais mulheres partícipes da profissão. São elas jornalistas, repórteres, locutoras, técnicas, torcedoras, árbitras, dirigentes e gestoras do sexo feminino.

Isso impele as instituições (emissoras de televisão, clubes, federações e confederações de futebol) e as levam a um dissenso desestabilizador, com tensões

inevitáveis e conflitos necessários, embora ainda não suficientes, à pactuação de novas posturas e à implantação dos mínimos e mais básicos direitos isonômicos e equitativos, atentos às normas e aos costumes que circundam a mentalidade e a moral machista, sexista e misógina dentro e fora do campo de jogo.

Nesse sentido, o referido livro adaptado para este dossiê foi concebido como uma forma de reunir esses estudos produzidos no último decênio, de fornecer um arranjo aos mesmos e de dá-los a conhecer a um público do exterior, talvez já extenuados com a combatida e anacrônica metáfora do “país do futebol”. Conforme o título desta coletânea sugere, talvez apenas as mulheres sejam hoje capazes de atualizar a aura dos virtuosos da técnica futebolística, um pensamento desejoso, uma promessa de vir a ser que a obra prospecta no presente, tendo em vista que o próprio futebol masculino de alto rendimento padeceu décadas sem conquistas e títulos de consagração internacional

Entrementes, tem-se nessa materialização a propositura de uma certa organicidade à pujante produção intelectual produzida pelas mulheres – e sobre as próprias, pois como se vê dois dos organizadores desta coletânea são homens também interessados no assunto – nas universidades do Brasil e alhures. Trabalho acadêmico, mas também palavra empenhada, trata-se da tarefa tanto de borrar fronteiras arbitrárias e de mitigar suas discriminações resilientes quanto de imiscuir sujeitos e objetos de pesquisa numa agenda que redimensionou por sua vez a própria ideia de “futebóis”.

Mutatis mutandis, tal categoria também se mostrou cambiável, com a passagem da horizontalidade epistemológica inicial, que procurava dar isonomia às práticas corporais em meio à supremacia ofuscante do futebol profissional espetacularizado, em favor da diversidade política contemporânea, cujo reconhecimento do papel das mulheres é uma das facetas reivindicadoras dessa mutação em curso (Damo, 2018). Enquanto o antropólogo Arlei Damo capta esse trânsito em relação à sua própria formulação original da pluralidade constitutiva do futebol, é seu companheiro de profissão, Wagner Xavier de Camargo (2018; 2020), quem avança nesse entendimento da polifonia dos “múltiplos futebóis”, dentre os quais avultam as dimensões de gênero e sem as quais não se compreendem as suas interseccionalidades, seja a performance das mulheres

relacionadas à classe e à raça, seja a inscrição da dissonância composta pela proatividade de coletivos *gays* e de ligas LGBTQs nesse esporte.

O rastreamento da incidência e os sinais do ocultamento implicam de início em uma própria constatação de ordem histórica que diz menos sobre a diferenciação de gênero do “objeto” e mais sobre as, por assim dizer, “sujeitas” da investigação. Dito isso, se começamos este texto com menção à data consensuada para a introdução do futebol na Academia – anos 1980, com DaMatta à frente – a nova mirada para a gênese de um campo futebolístico nacional identifica mulheres pesquisadoras pioneiras que, em diversos ramos de saber e de diferentes procedências, se voltaram a investigar tal fenômeno já na década de 1970. Os exemplos se dirigem primeiro a Janet Lever, uma brasilianista estadunidense da área de Sociologia que vem ao Brasil no início do decênio de 1970 para desenvolver seu PhD em Yale, com um fascinante trabalho de campo, mesmo que datado, sobre o lugar do futebol na sociedade brasileira, sob o impacto da conquista do tricampeonato mundial da Copa do México.

Outro pioneirismo acadêmico digno de nota e contemporâneo ao trabalho de Janet Lever passou despercebido durante décadas. Aludimos ao mestrado de Mario do Carmo L. de Oliveira Fernández, defendido no Departamento de Letras da PUC-Rio e transformado em livro no ano de 1974, com o título de “Futebol, fenômeno linguístico – análise linguística da imprensa esportiva”. Os exemplos desses primórdios da produção universitária feita por mulheres nos idos de 1970 culminam com o nome da antropóloga Simoni Guedes, que em 1977 defende sua tese e torna-se mestre no Museu Nacional, graças à dissertação “Futebol brasileiro, instituição zero”, publicada em livro como homenagem póstuma em 2023.

Simoni Guedes tornou-se nome mais conhecido porquanto, além de uma espécie de militância aguerrida nessa área de estudos, pertenceu ao grupo de antropólogos que participou da coletânea ensaística de DaMatta: “Universo do futebol: esporte e sociedade” (1982). À diferença de seus colegas homens, como bem observou Pablo Alabarces em palestra celebrativa no ano de 2018, a antropóloga não só era a única mulher do grupo como a autora com uma efetiva dissertação prévia sobre o tema.

Portanto, apenas Guedes fizera de fato etnografia, enquanto os demais colegas produziram ensaios interpretativos que, embora seminais, lastrearam-se em observações distanciadas, em referências livrescas e em fontes secundárias. Mulher jovem nos idos de 1970, Guedes foi a campo, imiscuiu-se à época em um meio hegemonicamente masculino e desenvolveu seu trabalho etnográfico que resultou no capítulo antológico: “Subúrbio – celeiro de craques”. Fez isso, diga-se de passagem, sem qualquer tipo de heroísmo autoglorificador, posto que a pesquisadora em seus testemunhos sobre esse período mostrou-se sempre destituída de romantismos, não cultivou egolatrias, não avocou “lugar de fala” e nem tampouco deu margem à própria mitificação por seus discípulos.

Poderíamos ainda arrolar mais nomes de “sujeitas” pesquisadoras. A área de Educação Física, nesse sentido, traz referências precursoras, porquanto tem uma tradição mais longa de estudos que entrosam esporte e gênero. Este é o caso da professora Heloísa Helena Baldy dos Reis, ela própria atleta de futebol no Guarani Futebol Clube em 1983, cujas experiências nas quatro linhas a sensibilizaram para uma agenda de pesquisa em torno dos discursos e comportamentos de violência vivenciados no futebol.

Na condição de pesquisadora, seu trabalho voltou-se para a problemática dos atos transgressores e violentos das torcidas nos estádios, as mesmas que na sua vivência futebolística ofendiam e xingavam as jogadoras. Debruçou-se assim sobre o tópico mais amplo do chamado hooliganismo e, sendo mulher, inseriu-se em debates públicos com autoridades esportivas e com lideranças torcedoras, em sua maioria esmagadora composta por homens pautados por valores tradicionais e conservadores.

Se a diáde futebol-violência constituiu o âmago de sua produção acadêmica, Heloísa Reis chegou a refletir em período recente sobre a prática feminina no capítulo “Projetos de vida, mulheres e futebol” (2020). No texto elaborado em parceria com Osmar Souza Junior (2013), seu aluno de doutorado, a autora volta-se à trajetória e à memória de ex-jogadoras que adquiriram projeção nessa modalidade esportiva, a exemplo de Marta, Elane, Nildinha e Aline, com a reconstituição das narrativas biográficas capazes de dar sentido ao desempenho profissional, à visibilidade midiática e ao reconhecimento alcançado no meio profissional. O capítulo não se cinge ao memorialismo das “aposentadas” e

contempla de igual maneira os desafios da profissão entre as aspirantes, por meio do acompanhamento de atletas em início de carreira nas categorias de base do Santos, além da produção de fontes empíricas e de fontes orais, mediante entrevistas com jogadoras de três clubes participantes do Campeonato Paulista.

De volta às Ciências Sociais, nos anos 1990 continuou a haver pesquisadoras mulheres que se lançaram à temática do futebol, em especial na subárea das torcidas, em que também, sob o ponto de vista investigativo, os homens hegemonizaram até período bem recente. Junto à Simoni, convém acionar a referência de outra antropóloga, Rosana da Câmara Teixeira – autora do capítulo doze neste volume –, que em meados da década de 1990 colocou-se de maneira corajosa em campo etnográfico com membros de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Seu intuito antropológico era a compreensão menos estigmatizante do etos torcedor, conhecido pelo sexismo e pela masculinidade tão viril e agressiva quanto homofóbica e intolerante.

Sua dissertação, premiada com a publicação de um livro, desdobrou-se numa perene pauta de pesquisa que nos últimos anos se ampliou para etnografias e entrevistas com mulheres torcedoras, partícipes da vida interna das torcidas organizadas, sendo em determinadas situações tensionadoras e ressignificadoras dos valores dominantes desses agrupamentos. Prova disso foi a iniciativa que integrantes de torcidas tiveram com a promoção do evento “Mulheres de arquibancada: resistência e empoderamento”, que em 2017 reuniu cerca de trezentas torcedoras organizadas de todo o país no Museu do Futebol, para uma discussão coletiva em torno de suas demandas comuns nos espaços cerceados pelos homens, controladores dessas associações.

A enumeração de outras experiências de mulheres pioneiras nesse campo de investigações poderia alongar a lista, sem impedir por outro lado esquecimentos e omissões, de modo que nos restringimos aqui a alguns casos considerados exemplares. Cabe assinalar ainda, no escopo específico da história do futebol de mulheres no Brasil, uma característica *sui generis* dessa entrada e desses primórdios. Se já foi dito que as universidades, sob pesos teóricos e tradições intelectuais determinadas, viram com ceticismo o estudo científico do futebol, colocado por tempo considerável em posição marginal, temos observado

que esse vácuo propiciou abrigo em outros espaços periféricos à Academia, mas porosos à introdução do temário futebolístico.

Um deles foi a via dos museus, prescrutada em seu último artigo por Luiz Henrique de Toledo (2023), com seus espaços expositivos, mas também arquivísticos, capazes de se constituir em centros de referência mais abertos aos novos objetos historiográficos que se projetaram desde a França dos anos 1970 em diante.

No Brasil dessa mesma conjuntura, o Museu da Imagem e do Som (MIS) foi um espaço museológico responsável pelo registro sonoro e pela criação de uma primeira coleção de documentos audiovisuais sobre o futebol brasileiro, entre os anos 1960 e 1980. Isso aconteceu seja no MIS do Rio de Janeiro, a partir de 1967, seja no museu homônimo de São Paulo, entre 1981 e 1984, ambos equipamentos públicos, logo acolhedores e legitimadores da prática e da montagem de seus acervos históricos (Hollanda; Rajão, 2021), uma mostra persuasiva do lugar lateral, mas proeminente, desse esporte na sociedade, na cultura e nas artes em geral.

Em igual proporção, pode-se dizer que o século XXI assiste à decantação do complexo arte-arquitetura (Foster, 2017), com o *boom* de uma indústria do lazer e do entretenimento voltada aos museus temáticos e ao consumo interativo de seus incrementos tecnológicos e expográficos, mais ou menos futuristas. Tal senda enseja a concepção pela primeira vez no país de um Museu do Futebol, concretizado em 2008, com sede nas dependências do tradicional estádio público do Pacaembu. Além das coleções de entrevistas inspiradas no MIS, cinco anos após a inauguração do museu paulistano, a equipe gestora e um grupo de funcionários pesquisadores iniciam o projeto intitulado “Visibilidade para o futebol feminino”, uma proposta que ao longo de uma década (2013-2023) vai ganhar corpo e alma no interior do museu.

Com efeito, a revisão dos princípios curatoriais que criaram o conceito e a expografia do futebol em seu percurso museal adquire progressiva consciência da importância dessa guinada conceitual e da inclusão das mulheres nessa narrativa. Conforme será visto com mais atenção neste livro, através do capítulo catorze, da museóloga Renata Beltrão, no decurso de um decênio a busca dos vestígios femininos no futebol, quer seja na condição de praticantes quer seja na condição

de torcedoras, se impõe como uma missão e um desafio aos envolvidos. Um de seus produtos é a exposição “Contra-ataque: as mulheres do futebol” e outro consistiu na inscrição de atletas como Sissi, hoje homenageada na sala “Anjos Barrocos”, em que de início somente figuravam homens.

Identificamos e propomos a centralidade desse museu, para os fins de nosso argumento, consoante o entendimento de que esse conjunto de ações e iniciativas, se não possui uma relação de causa e consequência direta, cria “afinidades eletivas” e inspira condições maiores, por seu turno, para o que se assistiu de crescimento e de afirmação na esteira dos estudos futebolísticos desde então. Destaque-se no histórico de quinze anos de existência do referido Museu a organização quadrienal do Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol, iniciado em 2010 no contexto da Copa da África do Sul e estendido até 2022 com o Mundial da FIFA no Catar.

Mais que um entre muitos eventos desse tipo, este simpósio conseguiu tornar-se uma referência central, capaz de dar coesão e sentido de unidade ao ensino, à pesquisa e à extensão do futebol na sociedade. Nele o protagonismo feminino é uma tendência e um dado concreto de realidade que salta aos olhos, quando se observa o aumento da incidência das mulheres que apresentam suas pesquisas, que fazem conferências e que mediam debates em condições de igualdade com os homens.

Lembremos ademais que a inauguração do Museu em 2008 sucedeu em um ano o princípio dos chamados megaeventos esportivos no Brasil (2007-2016), com o marco dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Olímpicos, ambos no Rio de Janeiro. Já o movimento “Visibilidade para o futebol feminino”, lançado em 2013, antecedeu em um ano a realização da Copa do Mundo FIFA de futebol masculino, ocorrido no país em 2014, fato que chamou a atenção para as edições congêneres das mulheres em 2015 (Canadá)⁵, em 2019 (França) e em 2023 (Austrália-Nova

⁵ Respectivamente a sétima, a oitava e a nona edições. Antes, de maneira oficial, temos a primeira na China (1991); a segunda na Suécia (1995); a terceira e a quarta nos Estados Unidos (1999 e 2003); a quinta novamente na China (2007); e a sexta na Alemanha (2011). Acerca de seus primórdios, a revista francesa *So Foot* fez uma ótima reportagem sobre duas experiências precursoras de Mundiais femininos, sendo a primeira em 1970 na Itália e a segunda em 1971, no México, na sequência da Copa do Mundo masculina ocorrida no mesmo país. Ver: <https://www.sofoot.com/articles/1970-et-1971-ces-premieres-coups-du-monde-feminine-que-tout-le-monde-a-oublie>. No Brasil, Leda Costa abordou o contexto dos anos 1970 e a emergência de competições futebolísticas femininas em âmbito internacional (Costa, 2020).

Zelândia)⁶, com crescente mobilização no Museu, com apelo no meio esportivo e, por conseguinte, com o despertar do interesse na sociedade. Caso a candidatura do Brasil para país-sede do Mundial FIFA de 2027 seja eleita, as oportunidades da prática e sua legitimação tendem a ampliar seu potencial de reconhecimento.

Uma das pontes entre esse museu e a universidade durante todo esse período foi a curadora Silvana Vilodre Goellner, professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), hoje aposentada e que assinou o posfácio do livro. Goellner tem formação na área de Educação Física e desde cedo voltou-se à investigação das relações de gênero e de esporte (Goellner, 2003 e 2013), com especial atenção ao discurso das coberturas jornalísticas e às fontes históricas. Ao se voltar para a modalidade do futebol, a convite do Museu, a professora liderou e qualificou uma nova geração de pesquisadores no Rio Grande do Sul, assim como estabeleceu redes nacionais e internacionais que impulsionaram as pesquisas e a militância em torno da luta pelo espaço e pelas transformações dos valores dominantes no futebol.

Sem se confinar ao âmbito universitário, desde essa colaboração no projeto “Visibilidade para o futebol feminino”, a professora circulou por entre as próprias protagonistas da área – jogadoras e ex-futebolistas, gestoras, juízas e técnicas – de modo a construir uma plataforma propositiva e incisiva de questionamento do *standard* do poder de instituições como a Federação Paulista de Futebol (FPF) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Com a CBF e a FPF, entidades privadas, e com a Secretaria Nacional de Futebol, do governo federal, chegou a prestar consultoria – em interlocução com a ex-futebolista e atual dirigente esportiva Aline Pellegrino – e a colaborar em grupos de trabalho, sempre com uma postura crítica e com o comprometimento maior à causa e à bandeira do que chama “as mulheres do futebol”.

Em termos acadêmicos, sua produção intelectual e seu trabalho de orientação permaneceram ativos e intensos. A coleta de testemunhos, por exemplo, levou-a não só à estruturação de um banco de entrevistas para o Centro de Memória do Esporte (Ceme), da UFRGS, como à publicação de artigos e livros,

⁶ Apesar de nos encontrarmos na nona edição da competição, reportagem da BBC mostra abusos sofridos por atletas atuantes na Copa da Nova Zelândia e Austrália. De acordo com a emissora britânica, uma em cada cinco futebolistas do Mundial sofreram algum tipo de discriminação ou mensagem ameaçadora nas redes sociais. Ver: <https://www.bbc.com/sport/football/67686209>

dentre os quais destacamos “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer” (2020). Esta obra foi feita em parceria com Juliana Ribeiro Cabral, ex-capitã da Seleção Brasileira de futebol e medalhista olímpica em Atenas 2004, e se dedica a compilar as histórias de vida de uma série de mulheres que principiaram a atuar no selecionado nacional, quando esse se constitui nos anos 1980, indo das personagens Ketty a Meg até Helena Pacheco e Dilma Mendes, passando por Soró e Ita Maia.

Conforme dissemos acima, o quadro esboçado é apenas uma sugestão de caminho para a compreensão desse cenário de desenvolvimento da prática e dos estudos sobre o futebol de mulheres. Isso porque poderíamos mencionar outras vias paralelas às do museu, se pensarmos na trajetória da antropóloga gaúcha Cláudia Samuel Kessler, que desde 2008, em seu mestrado, introduzia nas ciências sociais *stricto sensu* a temática do futebol de mulheres. O doutoramento defendido em 2015, sob orientação de Arlei Damo, interroga-se pelo objeto já a partir de 2011, ano anterior portanto ao referido projeto de visibilidade do Museu. Sua investigação lança luz sobre as condições para a formação de futebolistas no Brasil, em perspectiva etnográfica comparada com os Estados Unidos, país em que o *soccer* concedeu mais espaço, hospedou Copas do Mundo e criou meios para performances vencedoras em competições internacionais, com a conquista de quatro Mundiais em nove disputados.

Não obstante, conquanto o selecionado nacional de mulheres brasileiras ainda não tenha oferecido títulos expressivos – tipo de cobrança que incute uma ótica profissional dominante, em detrimento da gratuidade e do lúdico, como se houvesse apenas uma maneira de aferir a positividade do desempenho esportivo por meio da obtenção de troféus – o campo da idolatria não deixa de ser preenchido no imaginário futebolístico quando se considera o caso da atleta Marta Vieira da Silva, a alagoana Marta, vencedora por anos consecutivos da premiação anual oferecida pela FIFA.

Essa jogadora foi alvo da junção de interesses das duas pesquisadoras supramencionadas, Silvana Goellner e Cláudia Kessler, no capítulo “O Brasil é hexa: a trajetória esportiva de Marta” (2020). As autoras inscrevem a atleta em uma agenda típica do campo de estudos futebolísticos, que articula a configuração do ídolo no esporte – a “rainha” Marta ou a “imperatriz” Sissi – com

base em narrativas midiáticas de ascensão social, de superação de obstáculos e de internacionalização da carreira, haja vista a performance em competições mundiais e a circulação em clubes no exterior, da Suécia aos Estados Unidos, no caso da jogadora nordestina.

A referência acima ao discurso e ao enquadramento do jornalismo – seja a impressa seja a das plataformas virtuais – remete-nos a experiências alternativas à mídia tradicional. O fortalecimento do futebol de mulheres passou também pela concepção de espaços próprios para sua divulgação, como ocorreu com o canal “Dibradoras” (<https://dibradoras.com.br/>), surgido em 2015, com o propósito explícito de dar protagonismo feminino no esporte, notadamente no futebol.

O papel de Luciane de Castro (a Lú Castro) e de uma equipe de jornalistas e ex-jogadoras pontifica nesse sítio virtual e em seguida se espraia, com um trabalho ativista de publicações e de disseminação em instituições sociais reconhecidas, a exemplo das diversas unidades do SESC em São Paulo, no que conta ainda com a mediação da pesquisa Aira Bonfim, autora de um dos textos do livro que está aqui no dossiê. A proatividade das “Dibradoras” marca uma atuação nas redes, mas também uma inovação no modo de cobrir esportes, com o acompanhamento de diferentes esferas competitivas. Estas vão das competições regionais dos clubes às matérias diárias sobre o campeonato brasileiro e, destas, à cobertura dos treinos da Seleção feminina na Granja Comary.

De todo modo, a presença feminina na cobertura *mainstream* de esportes tem levado investigadores à compreensão das implicações dessas mudanças de *staff* no interior do jornalismo esportivo, algo muito perceptíveis para quem assiste aos canais televisivos dedicados a esportes. Em seu pós-doutorado, o historiador Leonardo Pacheco (2020) abordou o tema sob o ângulo específico da locução e da voz narradora, com ênfase tanto aos aspectos linguísticos de entonação e ritmo quanto à socialização das jornalistas nas cabines de transmissão, um tradicional espaço masculino de sociabilidade e poder.

Essa mobilização coletiva em torno da promoção das mulheres tem sido a tônica não só da repercussão dos meios de comunicação como da produção científica. Assim, mais do que individualizar nomes de pesquisadoras que avultam nesse processo, vale destacar esforços grupais das redes que articulam

os potenciais de desenvolvimento da área. A alusão deve considerar o papel crucial do professor inglês David Wood, da Universidade de Sheffield, um dos colaboradores da coletânea mas que infelizmente não foi possível participar deste dossiê, latino-americanista cujo projeto de apoio ao desenvolvimento do futebol de mulheres em escala sul-americana permitiu uma série de encontros continentais nas cidades de Buenos Aires, Medellín, Rio de Janeiro e São Paulo, entre 2016 e 2019.

Intitulada “A level playing field? The practice and representation of women’s and girl’s football in South America”, a proposta colocou no mesmo patamar atoras do gramado e pesquisadoras de diferentes procedências universitárias e institucionais da Argentina, do Brasil e da Colômbia. A integração perdurou ao longo de um quadriênio e ensejou uma série de contatos intergeracionais, graças aos auspícios e ao suporte financeiro do *The Arts and Humanities Research Council*, do Reino Unido.

A articulação em prol da prática e das reflexões científicas manifesta-se não apenas nesses seminários, mas também por meio de coletâneas, esforço a que o nosso livro pretende se somar, com seu panorama agora voltado à familiarização dos leitores estrangeiros. Antes, porém, de anunciar a presente contribuição, reconhecemos o notável crescimento das publicações e destacamos duas obras que consideramos de excelência na reunião das pesquisas desenvolvidas no país, reflexo do estado da arte e dos flancos temáticos até o momento explorados.

O primeiro trabalho intitula-se sugestivamente “As mulheres no universo do futebol brasileiro”, organizado em 2020 por Cláudia Kessler, Leda Costa e Mariane Pisani, as duas últimas autoras também partes do livro e deste dossiê e referências incontornáveis na matéria. O título da obra é por si só uma alusão e um diálogo provocativo com a coletânea organizada por Roberto DaMatta, cujo “fardo” de marco bibliográfico inaugural, conforme sugere Toledo (2023), tornou-se um repetido e surrado truísmo na literatura sobre o assunto. Em nosso juízo, tal reificação, de tanto reiterada, acabou por desconsiderar antecedentes, como as mulheres pesquisadoras da Academia, tais quais enumeramos acima, bem como terminou por ignorar o contexto que o involucra e seus coetâneos de São Paulo, a exemplo dos professores José Sebastião Witter e José Carlos Sebe

Bom Meihy, com seu livro “Futebol e cultura: coletânea de estudos” (1982), que por largo tempo passou despercebido em brancas nuvens.

Nessa provocação com vistas a uma nova fundação da bibliografia futebolística, cujo prefácio de Simoni Guedes – única autora mulher do time do “Universo” de 1982 – é seu indício mais eloquente, o volume organizado por Cláudia, Leda e Mariane enfeixa dezoito capítulos assinados por um total de 21 autores e autoras, mediante um apanhado capaz de dar conta do quadro brasileiro de pesquisas atuais. Não à toa, o livro principia com o resgate da contribuição de um pesquisador homem, Fábio Franzini, que, em meados dos anos 2000, publicou um artigo sobre o assunto, denominado: “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”.

Outro trabalho congênere ao que propusemos aqui foi organizado em período recente por Jorge Knijnik e por Soraya Barreto Januário, intitulado: “Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade” (2022). Dispostos em quase quinhentas páginas, os dezesseis capítulos também se propõem à apresentação de um painel das pesquisas vigentes ou recém-realizadas no país com respeito ao tema em tela.

Um aparente detalhe não nos passa despercebido e diz respeito à terminologia embutida em uma sutil mudança da preposição do título do livro. Se as envolvidas no meio optaram em determinado momento pela expressão “futebol de mulheres”, ao invés do qualificativo “futebol feminino”, eis que no livro de Jorge e Soraya a proposição se torna ainda mais afirmativa: trata-se de um “futebol das mulheres”, a denotar sua capacidade maior de assunção e apropriação da prática.

Feito esse arrazoadado e buscado um denominador comum nesse levantamento, temos assim condições de nos aproximar da proposta que baliza o presente livro. A apresentação poderia, é claro, dilatar a sua abrangência para uma interlocução com a historiografia internacional concernente ao futebol de mulher, o que contornamos e apenas assinalamos pontualmente a seguir, tendo em vista a extensão desta introdução e sua finalidade não exaustiva, porquanto a produção intelectual sobre o assunto tem crescido e se tornado cada vez maior e volumosa.

Digamos tão somente que, na condição de historiadores, os organizadores deste volume inspiram-se na leitura de dois trabalhos seminais. O primeiro é de origem francófona e tem autoria da professora Laurence Prudhomme-Poncet, da Universidade de Lyon 1. A pesquisadora francesa já em 2003, portanto há vinte anos, dedicou-se a uma visada diacrônica do futebol de mulheres francês em seu livro “Histoire du football féminin au XXe siècle”. Trata-se de uma publicação exemplar para quem almeja um parâmetro de pesquisa vinculado à história social e à história política do futebol de mulheres em âmbito nacional de um país europeu.

Outra obra, esta saída em período mais recente, tem procedência anglófona e intitula-se “*Futbolera: a history of women and sports in Latin America*” (2019). Sua autoria coube a Brenda Elsey – prefaciadora de nosso livro – e a Joshua Nadel, dois estadunidenses que se inscrevem na área de estudos em América Latina em seu país natal e que têm desenvolvido instigantes pesquisas sobre o futebol na região. Uma das virtudes da abordagem por eles adotada é a superação do tradicional paradigma da nação no recorte das pesquisas.

A pesquisa em escala transnacional é sem dúvida um desafio aos novos pesquisadores, na superação da tautologia recorrente que reduz o futebol aos contornos da identidade nacional. Além disso, convém acentuar que Brenda e Joshua não se atêm apenas a uma única modalidade esportiva, espécie de vício de origem da grande maioria dos historiadores e cientistas sociais, cujos antolhos veem apenas o fenômeno do futebol, com o enquadramento deste entre dezenas de outros esportes.

Junto às referências produzidas na França e nos Estados Unidos – e por não mencionarmos a Inglaterra e a tese de doutorado de Mark Biram, da Universidade de Bristol, após etnografia com as “sereias santistas da Vila”? (2021) – outra fonte internacional de que dispomos, ainda inexplorada no Brasil e que pode potencializar a agenda de estudos sobre o futebol de mulheres, consiste no *Football Observatory*. Tal órgão é de origem suíça e situa-se no *International Center for Sport Studies* (CIES), centro fundado em 1995 e que nos últimos anos tem aportado consistentes séries de indicadores para o acompanhamento das atletas e das ligas femininas, por meio de um manancial de estatísticas e mineração de dados (Hollanda, 2021).

Causa e consequência da chamada “globalização” (Figols, 2016), esse centro de pesquisa especializou-se na criação de ferramentas de monitoramento mundial do futebol profissional. Produz assim, com periodicidade semanal e mensal, semestral e anual, dados quantitativos acerca da demografia, da performance e do mercado de transferência futebolística.

Seus relatórios e suas análises, sob a responsabilidade de três geógrafos (Poli; Ravenel; Besson, 2021) oferecem ainda rankings por países com números da circulação internacional de jogadores e jogadoras, o que permite inclusive comparações com o quadro masculino contemporâneo. Isso porque o Brasil costuma ocupar o topo dessas mensurações entre os homens, com um fluxo migratório médio de mais de mil futebolistas expatriados por ano. Em contrapartida, as brasileiras “pés-de-obra” situam-se atualmente na nona colocação desse ranqueamento, sem alcançar a casa da centena. Isso não impede um considerável grau de internacionalização e expressiva emigração das nossas atletas, que desde 1980, quando a prática volta a ser legalizada no país, registram informações de mobilidade clubística no exterior.

Como se sabe, a experiência pioneira foi a da meio-campista Lúcia Feitosa, da célebre equipe carioca do Radar (Almeida, 2013), que jogou pela Seleção brasileira e disputou o Mundialito da Itália em 1986, sendo contratada por um clube italiano ao final da competição no país-sede. Os anos 1990 também assistem a experiências internacionais de brasileiras, como as atacantes Michael Jackson e Roseli, que atuaram não só na Itália, mas também no futebol do Japão e dos Estados Unidos. Na década de 2000, o fluxo continua a movimentar nossas craques, a exemplo de Sissi, Katia Silena e Pretinha que, junto aos destinos mencionados, vão atuar na Espanha e na França, na Escandinávia e mesmo na longínqua Coreia do Sul.

A visibilidade dessas atletas atinge o ápice com o prestígio internacional de Martha e Formiga, mas também se rotiniza com as saídas da goleira Andréa e da lateral Rosana, da zagueira Juliana e da defensora Tamires, procedentes de diferentes agremiações brasileiras, ainda na primeira década do século XXI. O decênio de 2010 assiste, em sua esteira, à continuidade desse processo difusor de pés-de-obra para diferentes continentes e regiões do globo, como Érika (EUA) e

Debi Zanotti (China), Aline Pellegrino (Rússia) e Debinha (Noruega), Bia Zaneratto (Coréia do Sul) e Geyse (Inglaterra), entre outras.

Assim, o conjunto de textos aqui reunidos dedica-se de forma diversa às questões levantadas sobre a prática do futebol por mulheres no Brasil. A pesquisa de Nathália Pessanha trata dos atos de torcer protagonizados por mulheres nas arquibancadas brasileiras, em uma perspectiva de longa duração e cobre um amplo hiato temporal que se inicia nos anos 1940, atravessa a segunda metade do século XX e se estende até o tempo presente, contribuindo para a compreensão histórica das práticas femininas de torcer no Brasil. Dois outros manuscritos também se debruçam sobre as mulheres torcedoras, agora a partir de um recorte mais específico: as demandas femininas no interior das torcidas organizadas. Com base em experiências etnográficas realizadas na Bahia e no Rio de Janeiro, os trabalhos de Carolina Moraes e Rosana Teixeira lançam luz sobre as dinâmicas internas, tensões e reivindicações de gênero nesses espaços historicamente masculinizados.

Por sua vez, os trabalhos de Aira Bonfim, Caroline Almeida e Carmen Rial — esta última antropóloga de fundamental importância para a consolidação do campo e para a formação de novas gerações de pesquisadoras —, assim como o de Fernanda Haag, estruturam-se a partir de uma divisão em três temporalidades centrais: o período anterior à proibição governamental do futebol feminino (1915–1941); a vigência de quase quatro décadas de interdição oficial (1941–1979); e o momento posterior à liberação da prática, contemplando os quarenta anos seguintes até o processo de profissionalização na contemporaneidade (1983–2013).

A participação das mulheres brasileiras nas edições da Copa do Mundo FIFA, desde sua institucionalização no final dos anos 1980, na China, é abordada por Leda Costa, Ronaldo Helal e Gustavo Fernandes, que se valem de um expediente clássico dos estudos do esporte no Brasil: a análise das valorações da performance feminina a partir dos discursos midiáticos da imprensa esportiva. Tal abordagem, estruturante do campo, é mobilizada para examinar o olhar jornalístico sobre a nação quando representada pela atuação das mulheres em competições internacionais.

Contamos ainda com textos dedicados ao balanço da produção acadêmica sobre o futebol de mulheres, oferecendo um retrospecto e uma visão de conjunto imprescindíveis para a delimitação quantitativa e qualitativa desse campo científico em expansão (Toledo, 2021). As pesquisadoras Luiza Aguiar e Marina Mattos, ambas com formação em Educação Física, realizam um levantamento de mensuração quantitativa das publicações sobre futebol ao longo de quatro décadas. Complementarmente, a antropóloga Mariane Pisane apresenta um panorama quantitativo articulado a uma apreciação qualitativa das dissertações e teses defendidas no Brasil nos últimos dez anos, mapeando as principais linhas de força que estruturam o crescimento das pesquisas sobre mulheres no âmbito da pós-graduação em Ciências Sociais.

Por fim, mas não menos importante, a museóloga Renata Beltrão, mestre pela Universidade de São Paulo (USP), analisa o que denomina uma “pequena revolução feminista” no campo museal. A autora reconstitui o processo de revisão e renovação dos critérios de expografia e curadoria no Museu do Futebol, instituição cuja centralidade e relevância são reiteradas ao longo desta Apresentação.

Após essa apresentação alongada, porém necessária, passemos à leitura e fruição dessa coletânea, fruto de uma empreitada iniciada em 2022, quando dois dos organizadores, Bernardo e Tiago, se conheceram no contexto de um colóquio internacional sobre esportes. Passados dois anos de muitas trocas e correspondências, a que se somou a parceria de uma terceira organizadora, Livia, eis o resultado a que chegamos em trio e graças às dezenas de colaboradoras.

Temos consciência de que se a obra não logra ser completa – sinal da pujança e vitalidade das mulheres em campo nos últimos anos – ela é capaz de dar a conhecer ao leitor estrangeiro, a um só tempo exigente, curioso e interessado pelo futebol brasileiro, uma seleção representativa do que há de melhor na literatura sobre o assunto. Se a provisoriedade e a contingência são pedras de toque do trabalho científico, este aqui é o nosso toque inicial para que as mulheres rolem a bola e dominem o jogo.

Bibliografia citada e consultada

ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. “Eurocentrismo, androcentrismo e teoria sociológica”. In: **Blog do Labemus**. Niterói: 2019, p. 1-16.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFSC, 2013.

BANDEIRA, Gustavo. 2016. **Do Olímpico à Arena**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Educação/UFRGS, 2017.

BIRAM, Mark Daniel. “As sereias da vila na terra do Rei: uma etnografia do Santos FC feminino”. In: **Revista Movimento**. Porto Alegre: v. 27, 2021, p. 1-17.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAMARGO, Wagner Xavier de. “Dimensões de gênero e os múltiplos futebolis no Brasil”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

CASTRO, Lu; RICCA, Darcio. **Futebol feminista**: ensaios. Rio de Janeiro: Livros de Futebol, 2020.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson. **Meninas que jogam bola**: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Educação Física/Gama Filho, 2010.

CONNELL, Raewyn. “O Império e a criação de uma ciência social”. In: **Revista Contemporânea**. V. 2, n. 2, 2012, p. 309-336.

COSTA, Leda. “Década de 1970: o impulso globalizante e desobediente do futebol feminino. In: LOURENÇO, Marco; ANDREUCCI, Raul; FIGOLS, Victor (Orgs.). **Uma década de Ludopédio**: dez textos da história da Arquibancada. São Paulo: Editora Ludopédio, 2020, p. 43-56.

DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro (Orgs.). **Pioneiras da sociologia**: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX. Niterói: Ed. UFF, 2022.

DaMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. “Futebolis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. In: **Revista Fulia**. Belo Horizonte: v. 3, n. 3, set-dez, 2018, p. 37-66.

DAMO, Arlei; KESSLER, Cláudia. “A partir do legado de Simoni: um olhar crítico sobre gênero e futebol no Brasil”. In: HELAL, Ronaldo; COSTA, Leda (Orgs.).

Esporte e sociedade: a contribuição de Simoni Guedes. Rio de Janeiro: Apris, 2022.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. “As relações entre os sexos no esporte”. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 2, 1997, p. 321-348.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera:** a history of women and sports in Latin America. Austin: University of Texas Press, 2019.

FERNANDÉZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. **Futebol, fenômeno linguístico:** análise linguística da imprensa esportiva. Rio de Janeiro: PUC Ed. Documentário, 1974.

FOSTER, Hal. **O complexo arte-arquitetura**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2017.

FRANZINI, Fábio. “Futebol é coisa pra macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol. 25, n. 50, 2005, p. 315-328.

FIGOLS, Victor de Leonardo. **FC Barcelona:** entre o regional e o global. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História/Unifesp, 2016.

GOELLNER, Silvana. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana. “Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades”. In: **Revista Tempo**. Niterói: vol. 19, n. 34, 2013, p. 46-54.

GOELLNER, Silvana; CABRAL, Juliana Ribeiro (Orgs.). **As pioneiras do futebol pedem passagem:** conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana; KNIJNIK, Jorge (Orgs.). “Dossiê Futebol e mulheres: performances”. In: **Revista Fulia**. Belo Horizonte: UFMG, vol. 8, n. 3, 2023.

GUEDES, Simoni Lahud. **Futebol brasileiro, instituição zero**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “Entre a pesquisa acadêmica, a difusão científica e o mercado futebolístico: ciência de dados no estudo do futebol – o caso suíço do Football Observatory. **Revista Fulia**. Belo Horizonte: UFMG, vol. 6, n. 1, 2021, p. 50-87.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; ALVES, Carolina Gonçalves; JOSIOWICS, Alejandra (Orgs.). **Mulheres escritoras:** arquivos literários e feminismos na América Latina. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão feminista:** arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JACOBS, Barbara. **The Dick, Kerr's ladies**: the factory girls who took on the world. London: Robinson, 2004.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; KNIJNIK, Jorge. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil**: emancipação, resistências e equidade. Recife: Ed. UFPE, 2022.

KESSLER, Cláudia S. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Antropologia/UFRGS, 2015.

KESSLER, Cláudia S. (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

KESSLER, Cláudia S.; GOELLNER, Silvana Vilodre. “O Brasil é hexa: a trajetória esportiva de Marta”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

KESSLER, Cláudia S.; COSTA, Leda; PISANI, Mariane (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2020.

LEITÃO, Eliane Vasconcellos. **A mulher na língua do povo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MANSFIELD, Louise; CAUDWELL, Jayne; WHEATON, Belinda; WATSON, Beccy (Eds.). **The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola**: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990). São Paulo: Tese de Doutorado em História/PUC-SP, 2012.

PACHECO, Leonardo Turchi. “A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz**: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFSC, 2012.

POLI, Raffaele; RAVENEL, Loïc; BESSON, Roger. “The demographic evolution of the principal women’s football league (2017-2021)”. In: **CIES Football Observatory Monthly Report**. Neuchâtel: n. 66, June 2021, p. 01-05.

PRUDHOMME-PONCET, Laurence. **Histoire du football féminin au XXe siècle**. Paris: L’Harmattan, 2003.

RAJÃO, Raphael. “Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). In: **Revista Mosaico**. Rio de Janeiro: vol. 9, n. 14, 2018, p. 48-69.

RAJÃO, Raphael; HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “Museus de fronteira e a musealização do futebol: o lugar da memória futebolística no campo museal brasileiro (anos 1960-1990)”. In: **Revista Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: vol. 14, n. 1, 2021, p. 121-147.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. “Projetos de vida, mulheres e futebol”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

RITCHER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José (Orgs.). **Memórias do futebol: infâncias em jogo**. São Paulo: APGIQ, 2019.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social/USP, 2015.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. Campinas: Tese de Doutorado em Educação Física/FEF-Unicamp, 2013.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de; CAMARGO, Wagner Xavier. “Futebol dos futebolis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol”. In: **Revista Fulia**. Belo Horizonte: UFMG, v. 3, n. 3, set-dez 2018, p. 93-107.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebolis na antropologia brasileira”. In: **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo: n. 94, 2021, p. 1-32.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Universos em emoção: a propósito de uma exposição de arte, seu catálogo e a coletânea de estudos socioantropológicos sobre futebol”. In: **Mana: Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: n. 29 (3), 2023, p. 1-34.

VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila. “Women’s football in Brazil: progress and problems. In: **Soccer and society**. V. 4, n. 2, 2003, p. 254-267.

WITTER, José Sebastião; MEIHY, José Sebe Bom. **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

Links citados e consultados

BBC

<https://www.bbc.com/sport/football/67686209>

Dibradoras

<https://dibradoras.com.br/>

Revista So Foot

<https://www.sofoot.com/articles/1970-et-1971-ces-premieres-coupes-du-monde-feminine-que-tout-le-monde-a-oublie>